



CURRÍCULO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DISCURSOS E DIVERGÊNCIAS¹

Cláudia Aleixo Alves

Zenólia Christina Campos Figueiredo

RESUMO

Investiga a materialização dos discursos epistemológicos de professores em um currículo de formação profissional. Com base nas entrevistas realizadas com professores conclui que as divergências apresentadas no debate epistemológico foram incorporadas por eles e acabaram se materializando no currículo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física; currículo; epistemologia; discurso.

INTRODUÇÃO

A Educação Física, enquanto campo acadêmico-científico, passou por muitas transformações, marcadas por disputas entre grupos de intelectuais em torno das tentativas de responder as perguntas: O que é a Educação Física? De qual conhecimento ela trata?

Ao responder estas perguntas, intelectuais da área vão reivindicar diferentes concepções epistemológicas e políticas para a Educação Física fazendo com que a constituição de seu campo fosse permeada por polarizações.

Segundo Almeida e Vaz (2010), o debate epistemológico da área pode ser sintetizado em três grandes momentos. O primeiro momento, considerado um marco na história da constituição e desenvolvimento da Educação Física, fonte de inspiração para inúmeros trabalhos na área, teve como característica marcante a polarização dos discursos dos intelectuais da área social x biológica, progressista x revolucionária e, ainda, direita x esquerda. O segundo foi marcado pelo debate em torno da cientificidade da Educação Física e a divisão entre as vertentes que Betti (1996) e Lima (1999) vão chamar de científica e a pedagógica. O terceiro divide os autores da educação física entre aqueles que se orientam pela concepção que critica a pretensão de verdade, como representação fiel da realidade, e aqueles que questionam essa posição, pois entendem que dessa forma está se decretando o fim da objetividade, ou seja, o fim da possibilidade de captar a verdadeira essência da realidade.

¹O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Diante das polarizações /divergências presentes no cenário epistemológico da área, buscamos em um estudo de mestrado investigar de que modo o debate epistemológico da Educação Física repercute em um currículo prescrito de formação de professores, bem como a interpretação que o currículo faz desse debate. Foi utilizada como procedimento metodológico a análise documental do Projeto Pedagógico do curso de licenciatura (PPL) em Educação Física de uma universidade pública e entrevista com professores que participaram da elaboração desse documento.

Na análise documental percebemos que o currículo incorporou as divergências presentes no debate epistemológico. Essas divergências compreendiam a coexistência no PPL de diferentes modos de compreender: a licenciatura e o bacharelado na área; o esporte e, portanto, o trato e a carga horária destinada a ele; o campo de atuação em educação física; a presença de disciplinas fundamentadas nas ciências biológicas e nas ciências sociais; a relação estabelecida entre a Educação Física e a cultura corporal de movimento. A fim de entender como essas divergências se configuraram no documento curricular, realizamos entrevistas com os professores que o elaboraram.

Nesse artigo, buscamos apresentar, apenas uma parte do estudo: a materialização das concepções epistemológicas presentes nos discursos dos professores de uma universidade pública no currículo da instituição, entendendo que o currículo assim como afirma Paraskeva (2008) é um documento permeado por relações de poder.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A entrevista foi realizada com quatro professores que participaram da elaboração do PPL. A fim de preservar a identidade dos professores entrevistados, não usamos seus nomes, somente indicamos o gênero. Eles serão identificados por: Professor A, Professor B, Professora C e Professor D. Os dois primeiros pertencem ao Departamento de Educação Física e os outros dois, ao Departamento de Esportes.

Ressaltamos que as entrevistas foram realizadas mediante diálogo e em nenhum momento percebemos qualquer constrangimento ou incômodo por parte dos entrevistados.

A fim de conhecer os princípios e divergências epistemológicas e também políticas que orientaram a participação de cada professor durante a elaboração do PPL, a entrevista abordou: a) princípios epistemológicos que orientaram a participação deles na elaboração do PPL/ Concepções de Educação Física que não deveriam estar presentes no currículo; b)



conflitos existentes entre os professores durante o processo de elaboração do PPL; c) pontos positivos e negativos do currículo elaborado.

Para fins de organização, o texto será apresentado na ordem dos temas abordados aos professores, como está disposto acima, e, posteriormente, será realizada uma síntese sobre a influência dos discursos dos professores nos discursos presentes no PPL.

OS DISCURSOS DOS PROFESSORES

Para Orlandi (2012, p.64) “[...] Todo discurso é parte de um discurso mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modo de análise e o dispositivo teórico da interpretação que construímos”. Diante desse entendimento de discurso, esta parte do estudo é dedicada à interpretação de recortes dos discursos que os professores entrevistados possuem dos discursos epistemológicos e políticos da Educação Física.

• *Princípios epistemológicos dos entrevistados*

Ao perguntar aos professores sobre as concepções epistemológicas que orientaram a participação deles na elaboração do PPL, ficou latente a relação existente entre as concepções de Educação Física assumidas e a trajetória profissional e/ou acadêmica de cada um deles. Embora a entrevista não tenha contemplado a trajetória profissional e acadêmica dos entrevistados, três professores, espontaneamente, relataram suas experiências nesses campos.

Podemos pensar que, além da experiência que cada professor adquiriu em relação às práticas corporais e à Educação Física, somadas à formação acadêmica e às experiências profissionais, fez com que cada um deles passasse a defender uma concepção política, ideológica e epistemológica de Educação Física.

O Professor A trabalhou por muitos anos na área escolar e seus estudos de mestrado e doutorado estavam relacionados com essa área. Durante a elaboração do PPL, defendeu um currículo que superasse uma visão biologicista e esportivista e que estivesse voltado para a formação de professores para atuar na escola. Para ele, a Educação Física é entendida “[...] como prática pedagógica que tem uma responsabilidade de formar crianças adolescentes jovens e adultos a partir de um conhecimento elaborado que nós claramente identificamos como cultura corporal de movimento [...]”.

O Professor A, ao defender uma perspectiva cultural, mencionou durante a entrevista os embates que teve que enfrentar com os professores que, no seu entendimento, defendiam



concepções de uma Educação Física voltada para o treinamento esportivo ou para a Abordagem Desenvolvimentista.

Em uma posição semelhante à do professor A, o Professor B também defendeu uma Educação Física voltada para a formação de professores, que contemplasse a cultura e que rompesse com modelos biologicistas e esportivistas. O seu posicionamento ao participar da elaboração do currículo era de

[...] alguém que se formou acompanhando esse movimento da instalação de uma educação física, essa marca, vamos dizer assim, mais marcada pela cultura, pela ruptura de uma perspectiva da atividade física, modelos biológicos, uma ruptura de lógicas de desenvolvimento mais cognitivo que se relacionavam com cognição e motricidade, perspectiva mais linear que a gente criticava e chamava de desenvolvimento [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

E reafirma esse posicionamento ao lembrar que o motivo pelo qual escolheu ser professor se deu em função do contato que ele teve com a Pedagogia Crítica.

[...] Eu descobri que eu queria ser professor no dia que eu ouvi falar em Pedagogia Crítica Social dos conteúdos, tendo aula do professor Demerval Saviani. Eu descobri que eu podia fazer alguma coisa. Então essas coisas constituem a gente. Não posso abrir mão nunca mais disso. Acompanhar os movimentos que o Valter nos provocou... Elenor Kunz, Jocimar Daólio [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

Percebemos na fala do Professor B, as influências que as Pedagogias Críticas tiveram em sua formação, e, além disso, as influências que ele recebeu de Bracht, Kunz e Daolio, representantes de área que também propunham romper com os modelos biológico e esportivista que vinham sendo desenvolvido até a década de 80.²

Na entrevista com a Professora C, ela nos contou que, durante um momento de sua vida, se dedicou à carreira de atleta e que por isso o esporte teve grande influência na escolha da sua profissão. Mas, apesar dessa relação próxima com o esporte, ela alegou que sua formação acadêmica também contemplou a área pedagógica.

Quando indagada sobre os princípios epistemológicos que orientaram a sua participação na elaboração do PPL, ela revelou que o seu entendimento da área era de que

² Não queremos com isso afirmar que o modelo esportivista e biologicista na Educação Física esteve presente na área somente até a década de 80. Embora esse modelo ainda esteja presente, essa década foi considerada um marco da tentativa de rompimento com esse modelo por meio de críticas de intelectuais da área.



esta deveria ser compreendida mediante a articulação entre diferentes campos não só de conhecimento quanto de intervenção.

[...] Agora, existem professores de linhas diferentes. É claro. Em qualquer lugar vai existir professores de linhas diferentes. Há professores que vão para aquela linha... que acham que é só a cultura corporal do movimento e tem professores que acham que é só a questão das modalidades esportivas. Isso vai ter, né? Isso não tem como a gente negar. Agora, eu acho... Não sei... Talvez o melhor currículo teria que mesclar essas atividades e mesclar a possibilidade de atuação do profissional né? [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

A posição da Professora C em “mesclar” as diferentes proposições de Educação Física pode estar associada às experiências adquiridas tanto no campo esportivo quanto no campo escolar, não só academicamente, mas profissionalmente, já que essa professora possui uma trajetória de vida que envolve, além de um passado como atleta e uma formação acadêmica voltada para o esporte, também uma experiência profissional e acadêmica com o âmbito escolar.

Durante a entrevista com o Professor D, ele não mencionou a sua trajetória acadêmica ou profissional, mas, dentro da escola, sabemos que ele ministra disciplinas no curso de bacharelado. Seu entendimento de Educação Física está expresso em:

[...] pra mim fica bastante claro que uma palavra que diferencia o professor de Educação Física na sua especificidade do seu exercício profissional na prática é lidar com o movimento humano, com a melhoria da capacidade do movimento humano pelas pessoas [...].

[...] Então, nessa hora não tem como fugir da palavra rendimento, porque o professor de Educação Física, ele é procurado para fazer de maneira específica algo que só ele tem formação profissional para isso, que é melhorar o rendimento, a capacidade de realização do movimento humano [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

No discurso do professor, percebemos um entendimento da Educação Física bem diferente daquele esboçado nas falas, principalmente, dos professores A e B. A sua compreensão da área está voltada para a especificidade que ela possui em melhorar a capacidade do movimento humano, inclusive utilizando o termo “rendimento”.

Ao mencionar a palavra rendimento, o professor alegou que há uma confusão desse termo com o “alto rendimento”. Para ele, a criança na aula de Educação Física na escola precisa melhorar a sua “[...] capacidade de se movimentar com mais eficiência, com mais qualidade e extrair uma experiência prazerosa disso [...]” (INFORMAÇÃO VERBAL).



Percebemos, na fala do professor, uma ênfase em uma perspectiva de Educação Física voltada para o fazer/saber fazer, mas que diferencia, à sua maneira, a aula da instituição escolar da aula da instituição esportiva, quando ele aborda a diferença entre “rendimento” e “alto rendimento” utilizando para isso a dimensão do prazer.

Diferentemente dos demais entrevistados, o Professor D não mencionou em sua fala o termo cultura corporal de movimento. Para se referir à especificidade da área ele utilizou a expressão movimento humano. Pensamos que isso pode estar relacionado com o fato de os professores terem concebido de modos diferentes a presença do Movimento Renovador na área, principalmente das vertentes identificadas com a pedagogia histórico-crítica. Nem todos os intelectuais e, por consequência, nem todos os professores “compraram” as ideias de um modelo que contestava a presença do modelo esportivo dentro da escola, gerando assim uma das polaridades evidenciadas no primeiro momento do debate epistemológico.

Percebemos, nas falas dos professores, concepções epistemológicas diferentes. As posições dos Professores A e B mais próximas de um entendimento de uma Educação Física no plano da cultura, que abrange diferentes práticas corporais; o Professor D defendendo um modelo que se caracteriza pela melhoria das capacidades físicas; e a Professora C que se encontra numa posição de tentar encontrar um ponto de equilíbrio entre esses dois modelos.

Apesar de chamarmos de concepção epistemológica, esses diferentes entendimentos da área se aproximam muito mais de um debate, que na visão de Lima (1999), não se caracterizaria como uma discussão propriamente epistemológica, mas política e ideológica. Esse entendimento também foi compartilhado pelo professor B quando revelou na entrevista que a discussão no colegiado foi “[...] muito mais política do que epistemológica” (INFORMAÇÃO VERBAL) e pelo Professor D em sua posição de quem nas reuniões de colegiado “[...] Em alguns momentos, deixaram bastante de lado as questões técnicas e científicas [...]” (INFORMAÇÃO VERBAL).

Por apresentarem concepções diferentes sobre o que é a Educação Física e como ela deveria ser contemplada no currículo, esses professores, no momento em que se juntam para elaborar a proposta curricular do curso, tanto as semelhanças quanto às diferenças de suas posições tornam-se evidentes decorrendo daí uma tendência de que eles se agrupem por afinidades epistemológicas e/ou políticas.

- *Conflitos durante a elaboração do PPL*



Diante das diferentes formas de conceber a Educação Física, a elaboração do PPL se deu na base de conflitos e tensões, características próprias de um documento como o currículo. Como afirma Sacristán (1988, apud PARSKEVA, 2008, p. 153), “[...] o currículo traduz a expressão do jogo de interesses e de forças que gravitam sobre o sistema educativo num determinado momento e através dele se realizam os fins da educação”.

Esse jogo de interesses presentes no PPL, que culminou com algumas divergências, parece ter sido influenciado pelas tensões existentes no debate epistemológico da área, ou seja, as divergências assumidas pelos representantes do debate acabaram por gerar as divergências entre os professores da área. Se pensarmos que os representantes do debate epistemológico, como Valter Bracht, Celi Taffarel, Sílvio Gamboa, Mauro Betti, Go Tani, Hugo Lovisoló, entre outros, influenciaram o pensamento de gerações de professores universitários, esses professores acabariam também por influenciar seus alunos. As maneiras de conceber a Educação Física, dessa forma, são transferidas para as futuras gerações de professores.

Essas divergências presentes no curso de formação também parecem estar presentes no momento de elaboração do PPL. E uma dessas divergências, considerada o grande nó do impasse na elaboração do documento, segundo os entrevistados, gira em torno da presença e o trato do esporte.

Os Professores A e B defendiam um currículo que valorizasse outras práticas corporais e que não supervalorizasse o esporte e, para isso, era necessário diminuir a carga horária destinada a ele. Em sua fala, o Professor A apontou:

[...] A nossa perspectiva nesta questão era não retirar o esporte. Jamais propus, nem meus colegas. Jamais! Acho uma estupidez um programa de Educação Física, uma licenciatura em Educação Física que não faça debate sobre esporte. A questão era dar a ele o lugar digno, mas evitar a sua exclusividade, evitar que ele fosse o... carro chefe, então desportivizar a licenciatura e escolarizar a licenciatura [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

O Professor B também compartilhou da mesma opinião e propunha:

[...] Um movimento de ruptura com uma suposta monocultura do esporte porque esse conjunto de disciplinas obrigatórias acabam ainda pressupondo uma... Não vou falar hegemônico, mas... Uma hegemonia mesmo desse esporte. Em nenhum momento, em nenhum momento, qualquer um de nós, que tinha uma tradição dentro das Pedagogias Críticas, o esporte foi minorizado, do ponto de vista que isso seria um conhecimento menos importante. Mas, sobretudo tentando dar um estatuto de valor, legitimidade à



dança, aos jogos, brinquedos e brincadeiras. E isso também foi embate, quer dizer, é difícil para as pessoas entenderem por que a história é muito marcada por concepções diferentes de história onde o esporte tem muito mais uma marca quase que como sinônimo de atividade física, uma concepção [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

Os Professores C e D, por outro lado, defendiam uma carga horária maior para o esporte. Para a professora C, o excesso de esportivização nos currículos apontado na fala dos Professores A e B era considerada um mito:

[...] Olha, eu acho assim... Dentro da parte da licenciatura... Eu acho que ela precisa melhorar nesse sentido de tirar esse mito da esportivização, entendeu? Criou-se um mito, então o aluno, ele fica, ele aprende, mas ele não aprende muito sobre aquela modalidade. Na verdade, eu não acho que tem que ser assim, não [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

A fim de evitar ainda mais conflitos, o Professor A alegou que o termo “cultura corporal de movimento” não foi adotado no PPL.

[...] E só pra dar um exemplo, essa expressão não está na, na... A expressão cultura corporal de movimento não está... Foi uma maneira sutil de fazer presente a ideia de uma Educação Física que dialogue com a cultura, mas ao invés de usar cultura corporal de movimento, para evitar um desgaste desnecessário, trabalhamos com práticas corporais... as práticas corporais da cultura [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

Sabemos que o entendimento da Educação Física como cultura corporal de movimento, adotado no livro *Metodologia do ensino da educação física*, numa perspectiva crítica, não foi consensual entre os intelectuais e professores da área, até porque essa obra tecia críticas ao modo como o esporte vinha sendo tratado.

• Avaliação do currículo

Como consequência das tensões colocadas até agora, era de se esperar que o PPL não agradasse completamente a ambos os grupos, já que, em meio a esse processo, foi necessário que alguns professores cedessem em alguns pontos para que a discussão avançasse. Por isso, o currículo, na opinião dos entrevistados, contém aspectos positivos e negativos, porém percebemos, na fala do Professor A, que, para um grupo de professores, o currículo foi mais bem recebido que para o outro:

[...] Então era uma proposta de licenciatura que agradou ao grupo que tinha essa preocupação com a licenciatura. Evidentemente descontentou todo o outro Departamento, tanto que a proposta para entrar em vigor foi um



momento difícilimo e até hoje há embates né? [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

Para o Professor B, apesar das tensões e conflitos ocorridos, o PPL possui avanços no quesito diversidade de conhecimento:

[...] Então é um currículo absolutamente com lacunas como qualquer outro currículo. Não poderia ser diferente. Mas é um currículo que pressupõe uma diversidade do conhecimento [...]. É um currículo onde a gente precisa reconhecer a riqueza daquilo que, intuitivamente, nós fomos capazes de produzir, apesar das relações de poder, apesar das tensões que você me pergunta [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

Para a Professora C, como já foi apontado em outro momento, era necessário combater o mito da esportivização no currículo da licenciatura e por isso ao ser perguntada sobre o que poderia ser modificado, ela respondeu que deveria ser “[...] a distribuição das cargas e dos conteúdos que cabem à licenciatura”, no sentido de que o esporte não perdesse o seu lugar no curso.

O professor D também se mostrou insatisfeito com o PPL, no sentido de que este contemplava parcialmente a especificidade da área e para isso propunha um reajuste das disciplinas e de suas cargas horárias: “[...] Eu acho que pelo menos cinquenta por cento de mudança porque o currículo está muito a dever nos aspectos científicos da atividade física, do movimento humano, da prática física, que é a especificidade nossa [...]” (INFORMAÇÃO VERBAL).

Como podemos perceber nas entrevistas, a discussão sobre o esporte no PPL, não se dava apenas sobre seu trato do esporte, mas também sobre a carga horária destinada a ele.

Diante das entrevistas concedidas, reafirma-se a posição de que se o PPL agradou por um lado, desagradou por outro, como não poderia deixar de ser, já que a compreensão da Educação Física em sua história sempre esteve longe de ser uma unanimidade.

A MATERIALIZAÇÃO DOS DISCURSOS DOS PROFESSORES NOS DISCURSOS PRESENTES NO CURRÍCULO

Ao término da análise das entrevistas, voltamos o olhar para o currículo prescrito para perceber como as concepções políticas e epistemológicas reveladas nas falas dos professores influenciaram e se materializaram nos discursos presentes no currículo.



Por fazer parte do grupo que deteve a maioria dos votos da Comissão de Planejamento do PPL, os Professores A e B exerceram grandes influências na elaboração do documento. A principal delas diz respeito à estreita relação estabelecida entre a área e a cultura, já eles defendiam uma Educação Física como cultura corporal de movimento. Mas, ao contrário do entendimento da cultura corporal defendida no Coletivo de Autores, esses professores não compreendiam a área como uma divisão entre aqueles que estavam certos por defender uma postura crítica de Educação Física nos moldes das críticas de orientação marxistas e aqueles que estavam errados por terem outras referências que não essas. Em decorrência, o currículo assume, uma visão mais ampla de cultura ao compreendê-la para além de aspectos políticos e econômicos, contemplando elementos como entre raça, etnia, gênero, entre outros.

Ainda sobre o discurso dos Professores A e B, percebemos que a necessidade de superação do modelo de Educação Física baseado no esportivismo e no biologicismo, apontado na fala dos professores, está presente no PPL, quando este, além das práticas esportivas e disciplinas de fundamentação biológica, contempla também práticas corporais, como jogos, brinquedos e brincadeiras, dança, capoeira e disciplinas de fundamentação nas ciências humanas e sociais.

Além disso, alguns autores, como Bracht, Kunz e Daolio, citados na fala do professor B como importantes referências teóricas em sua formação acadêmica e profissional, também estavam presentes em algumas citações do PPL, orientando dessa forma a concepção de Educação Física presente no documento.

Por outro lado, as tensões relatadas nas falas de todos os entrevistados em torno do esporte, também possibilitaram que este, assim como expressaram as falas dos Professores C e D, mantivesse o domínio da carga horária no PPL, mesmo que, como eles mesmos ressaltaram, ainda fosse insuficiente. Além do esporte, esses professores, bem como outros que não pertenciam à Comissão de Elaboração do currículo, também influenciaram no fato de que, em algumas disciplinas, se destacasse a ênfase em elementos característicos do esporte como técnica, tática e regras.

Mas, além das materializações dos discursos no PPL, houve também um discurso que não pôde ser contemplado nesse documento: o uso do termo cultura corporal de movimento. Esse termo não agradava aos professores que não compartilhavam do entendimento da Educação Física numa perspectiva cultural, e por isso, foi preciso, então, que os professores



simpatizantes desse termo e do que ele representa cedessem em relação a isso, na tentativa de não desagradar o outro lado da discussão e com isso o PPL pudesse ser aprovado.

Ao término dessa fase da elaboração do currículo, percebemos que, se, por um lado, o PPL contemplou em maior parte as expectativas do grupo do qual os Professores A e B faziam parte, por outro, esse grupo também teve que ceder em alguns pontos, pois, assim como afirma Paraskeva (2008, p. 136), o currículo como campo de construção do conhecimento,

[...] expressa as intenções vertidas numa determinada política curricular que se elabora na base de conflitos e compromissos, avanços recuos, expressão natural de um documento que deve ser entendido como um texto e como um discurso construído para e a partir de uma prática – regulada – de poder.

Diante dos conflitos dos quais Paraskeva (2008) se reporta e que foram apontados unanimemente pelos entrevistados, confirma-se o entendimento de que

[...] O processo de fabricação de um currículo não é um processo lógico, mas um processo social, no qual convivem lado a lado, com factores lógicos, epistemológicos, intelectuais, determinantes sociais menos ‘nobres’ e menos ‘formais’[...] (SILVA, 1995 apud PARSKEVA, 2008, p. 154).

Dessa forma, reafirmamos nossa posição de que não haveria, no contexto em que foi elaborado o PPL em questão, a possibilidade de uma proposta curricular que contemplasse por completo apenas uma concepção epistemológica e política de Educação Física, pois os discursos plurais e divergentes do debate epistemológico da área orientaram as apropriações dos discursos dos professores que elaboraram o documento. Essas apropriações se deram de forma particular para cada professor e, conseqüentemente, o currículo acaba por materializar essas diferenças, na medida em que esse documento se “[...] revela como uma realidade social, historicamente específica, expressando relações de produção particulares entre as pessoas” (PARASKEVA, 2008, p. 155).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das divergências/polarizações presentes no debate epistemológico da área, o currículo prescrito analisado não se deu no sentido de que ele assumisse uma posição e descartasse outra, ou seja, se orientar apenas por um lado do debate e permanecer fiel a ele, se é que isso é possível. Percebemos que o currículo incorporou o debate epistemológico e suas



divergências, o que, a nosso ver, não poderia deixar de ser, e essa incorporação foi realizada mediante uma interpretação que os professores que elaboraram esse currículo fizeram do debate epistemológico.

Portanto, a presença de diferentes concepções epistemológicas e políticas no currículo é considerada fruto dos diferentes entendimentos que os professores participantes da sua elaboração possuem da área. Essa constatação vem das entrevistas que foram realizadas com esses professores. Nelas conseguimos perceber as diferenças entre as posições que eles possuem em torno da presença e do trato da Educação Física como área de intervenção e produção de conhecimento, configurando, assim, o currículo como espaço de lutas em torno da seleção de determinados conhecimentos e exclusão de outros, que como consequência, por um lado, agrada a alguns e, por outro, desagrade a outros.

Training Curriculum Professional in Physical Education: Speeches and Differences

Abstract

Investigates the materialization of the epistemological discourses of teachers in a training curriculum. Based on interviews with teachers concludes that the differences presented in the epistemological debate were incorporated by them and ended up materializing in the curriculum.

KEYWORDS: *Physical education; curriculum; epistemology; speech.*

Resumen

Programa de Capacitación Profesional en Educación Física: Discursos y Diferencias

Investiga la materialización de los discursos epistemológicos de los maestros en un programa de capacitación. Basado en entrevistas con profesores concluye que las diferencias que se presentan en el debate epistemológico fueron incorporados por ellos y terminaron materializándose en el curriculum.

PALABRAS CLAVE: *Educación física; curriculum; epistemología; discurso.*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. Q; VAZ. A. F. Do giro linguístico ao giro ontológico na atividade epistemológica em Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 03 p. 11-29, jul./set. de 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/12485>>. Acesso em: 8 jul. 2012.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

BETTI, M. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, dez. 1996.

LIMA, H. L. A. *Pensamento epistemológico da educação física brasileira: das controvérsias acerca do estatuto científico*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PARASKEVA, J. M. Currículo como prática (regulada) de significações. In: _____. (Org.). *Educação e poder: abordagens críticas e pós-estruturais*. Porto: Edições Pedagogo. 2008. p. 135-168.